

VIABILIDADE TÉCNICA DA ENXERTIA EM ACEROLEIRA

Maurício Dominguez Nasser

Eng. Agrônomo, Mestre, Pesquisador Científico do Polo Regional Alta Paulista/APTA

mdnasser@apta.sp.gov.br

Para quem não sabe a vitamina C ou ácido ascórbico é essencial para os seres humanos, mas nosso corpo não o sintetiza de forma natural, por isso precisamos buscar este componente na natureza. Desde o século passado já se sabe que a acerola contém níveis altíssimos desta vitamina que já foram comentados em textos anteriores, o que justifica a procura da fruta pelos consumidores no Brasil e no mundo.

A aceroleira é uma planta que atinge de 2 a 3 metros de altura e diferentes volumes de copa, apresenta rusticidade no seu cultivo quando comparamos com outras frutíferas comerciais, como laranja, banana, maçã, manga, mamão, uva, banana, pêssego, abacate, figo e maracujá.

Porém quando queremos produzir mudas de aceroleira, desejamos que a mesma tenha uma boa produção de frutos, quantidade de vitamina C, polpa e sabor semelhante ao da planta mãe. Se usarmos as sementes dos frutos da acerola para fazer a muda, que são monoembriônicas, estas não terão as mesmas características citadas anteriormente.

Além disso, no caso da acerola, mudas produzidas por sementes, que chamamos de propagação reprodutiva, formam plantas com diferentes características, o que leva a formar um pomar desuniforme e com produtividade variável, e até menor que das plantas que deram origem às sementes.

Neste sentido podemos aplicar outra técnica de produção de mudas conhecida como propagação vegetativa por enxertia, que consiste em retirar um “pedaço” da planta matriz (geralmente uma parte do ramo), e inserir num cavalo ou porta-enxerto com o objetivo de obtermos as mesmas características desejáveis. No caso da acerola, será a alta quantidade de vitamina C contida na polpa dos frutos verdes, de vez ou maduros.

Estudos de enxertia em aceroleiras no Brasil e no mundo são escassos. Em outras frutíferas e lavouras de café, esta técnica é muito utilizada para plantar mudas enxertadas em áreas com infestação de pragas no solo, principalmente nematoides. Desta forma, o porta-enxerto deve ser resistente ou tolerante a esta praga.

Em trabalho realizado no viveiro experimental do Polo Regional da Alta Paulista/Agência Paulista de Tecnologia dos Agronegócios – APTA, em Adamantina, SP, foi observado o desenvolvimento das plantas de aceroleiras obtidas por meio da sementeira direta em substrato de areia grossa lavada.

Foram analisadas sementes de 7 variedades comerciais: Okinawa, Olivier, Apodi (BRS 235), Cereja (BRS 236), Roxinha (BRS 237), Frutacor (BRS 238) e Waldy CATI 30. Para o enxerto, foi usado apenas garfos da variedade Okinawa, que é um material já utilizado em lavouras comerciais por apresentar boas produções e alto teor de vitamina C nos frutos.

Os frutos que deram origem às sementes foram coletados de plantas matrizes vigorosas, com boa produção, isenta de pragas e doenças que fazem parte do banco genético do pomar da própria estação experimental.

Com aproximadamente 7 meses após a sementeira, ou quando o caule da planta apresenta um diâmetro aproximado de um lápis de escrever (6 a 7 mm) foi realizada a enxertia por garfagem em fenda cheia (Figura 1).



Fonte: Nasser, 2013

Figura 1. Processo da enxertia por garfagem em fenda cheia em mudas de aceroleira. (Viveiro Experimental do Polo Regional Alta Paulista /APTA, Adamantina-SP).

Esta técnica é realizada por mão de obra devidamente treinada, pois quando se corta o caule do porta-enxerto para colocar outro ramo no seu lugar, quanto mais demorado for esta operação, mais perdas poderão ocorrer, e 75 dias após a enxertia foi avaliado o pegamento e o aspecto vegetativo destas mudas.

Os resultados deste estudo são demonstrados abaixo (Tabela 1). Podemos observar que no geral, as mudas apresentaram bom pegamento, como também um bom desenvolvimento da parte aérea (Figura 2), apresentando excelente aspecto vegetativo. As raízes foram analisadas em laboratório e também demonstraram crescimento normal.

Tabela 1. Valores médios de porcentagem de pegamento das mudas aos 75 dias após a enxertia da aceroleira cv. Okinawa em diversos porta-enxertos. Adamantina, 2011.

Porta-enxertos	% Pegamento
Okinawa	85,71
Olivier	85,71
Apodi – BRS 235	95,24
Cereja – BRS 235	90,48
Roxinha – BRS 235	80,95
Frutacor – BRS 235	90,48
Waldy – CATI 30	61,9
MÉDIA GERAL	84,35

Fonte: Nasser, 2013

Devemos considerar que valores acima de 80% de pegamento das mudas por enxertia, são considerados viáveis.



Fonte: Nasser, 2013

Figura 2. Aspecto geral de mudas de aceroleira aos 75 dias após a enxertia. (Viveiro Experimental do Polo Regional Alta Paulista /APTA, Adamantina-SP).

Esta pesquisa também demonstrou que não houve diferença entre as diversas combinações enxerto/porta-enxertos quanto ao crescimento inicial das mudas. E aos 75 dias após a enxertia as mudas estavam prontas para o plantio no campo.

Para aumentarmos a exploração comercial desta cultura, novos trabalhos devem ser realizados com o objetivo de avaliar estas plantas enxertadas no campo, com relação ao seu desenvolvimento e sua produção de frutos.

Literatura consultada

NASSER, M. D. et al. Propagação vegetativa de diferentes cultivares de acerola por estaquia. In: SIMPÓSIO DE CIÊNCIAS DA UNESP, 6., 2010, Dracena. **Anais ...** Dracena: UNESP, 2010.

NASSER, M. D. **Propagação por garfagem da aceroleira cv. Okinawa sobre diferentes porta-enxertos.** 2013. 49 f. Dissertação (Mestrado em Agronomia) – Faculdade de Engenharia, Universidade Estadual Paulista, Ilha Solteira, 2013.

RITZINGER, R.; RITZINGER, C. H. S. P. Acerola. **Informe Agropecuário**, Belo Horizonte, v. 32, n. 264, p. 17-25, 2011.

RITZINGER, R.; RITZINGER, C. H. S. P. **Propagação da aceroleira**: enxertia x estaquia. Cruz das Almas: Embrapa Mandioca e Fruticultura, 2003. 2 p. (Acerola em Foco, 4).

RITZINGER, R; SOARES FILHO, W. S. S.; OLIVEIRA, J. R. P. Variedades e melhoramento. In: RITZINGER, R.; KOBAYASHI, A. K.; OLIVEIRA, J. R. P. (Eds.). **A cultura da aceroleira**. Cruz das Almas: Embrapa Mandioca e Fruticultura, 2003. p. 65-72.

SIMÃO, S. **Tratado de fruticultura**. Piracicaba: FEALQ, 1998. 760 p.